

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Padre Antônio Vieira  
*Sermão 1*  
*Com o santíssimo sacramento exposto*



Iba Mendes  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Padre Antônio Vieira

## *Sermão 1*

Com o santíssimo sacramento exposto

---

**Antônio Vieira  
(1608 – 1697)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 793**

---



Poeteiro Editor Digital  
PROJETO LIVRO LIVRE  
TEXTO E VOZ  
São Paulo - 2016  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do Padre Antônio Vieira: “*Sermão I - Com o santíssimo sacramento exposto*”.

É isso!

*Iba Mendes*  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# SERMÃO I

## COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO EXPOSTO



*Lo quente Jesu ad turbas, extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi:  
Beatus venter qui te portavit et ubera que suxisti. At ille dixit:  
Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.*

### CAPÍTULO 1

Pregando Cristo, Redentor nosso, a urna grande multidão de bons e maus ouvintes, depois de ter convencido, com força de evidentes razões, a rebeldia dos maus, levantou a voz uma boa mulher, dizendo: *Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti* (Lc. 11,27): Bem-aventurado o ventre que trouxe dentro em si tal Filho, e bem-aventurados os peitos a que foi criado. – Não negou o Senhor o que disse a devota mulher, porque eram dignos louvores da bendita entre todas as mulheres; mas, porque no rompimento daquelas vozes mostrava bem o inteiro juízo que fizera do que tinha ouvido, respondeu o Mestre divino: *Quinimmo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud* (ibid. 28): Antes te digo que bem-aventurados são, como tu fizeste, os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. – Isto é pontualmente, e letra por letra, tudo o que nos refere o evangelista S. Lucas no texto que propus, largo para tema, mas breve para Evangelho, e mais em dia de tão grande solenidade.

O que nele noto, e me admira muito, é que em tal tempo e em tal concurso esta mulher falasse com Cristo, e Cristo lhe respondesse. Não é ponderação minha, senão do mesmo evangelista: *Factum est autem, cum haec diceret: extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi*. Aquele termo *factum est autem*, é uma prefação, em que mostra o evangelista que passa a dizer um caso raro, notável, novo, que de nenhum modo se podia esperar nem presumir. E assim foi. Que no meio da pregação fale uma mulher, não é novidade, mas que levante a voz: *extollens vocem* – e que fale, não com outrem, senão com o mesmo pregador: *dixit illi* – caso foi muito notável. Porém que o pregador, sendo Cristo, no meio e no fim da pregação: *Cum haec diceret* – não só dê ouvidos à mulher, mas lhe responda, e pelos mesmos termos: *beatus venter, beati qui audiunt* – maior caso, e mais notável ainda. Mas assim havia de ser, e assim importava que fosse. Por que, ou para quê? Para que os pregadores, que nos mistérios e solenidades da Virgem, Senhora nossa, temos tanto trabalho em acomodar os Evangelhos, tivéssemos um Evangelho muito próprio, muito proporcionado, muito natural e muito fácil, com que pregar do seu Rosário. E esta é a razão por que a Igreja Católica, alumada pelo Espírito Santo, instituindo

novo Ofício e nova Missa do Rosário, mandou cantar nela, não outro, senão o Evangelho que ouvistes, e eu referi todo. Assim que este Evangelho é o mais próprio e acomodado, e este, na sua mesma brevidade, o mais capaz de se poder pregar nele a devoção santíssima do Rosário, e se declararem por ele a essência e excelências de tão soberana oração.

S. João Crisóstomo e S. Gregório Niceno, dois grandes lumes da Igreja, e seus intérpretes, definiram a perfeita oração desta maneira. S. Crisóstomo, falando da oração em comum no livro primeiro *De Orando Deum*, diz que a perfeita oração é um colóquio do homem com Deus: *Colloquium animae cum Deo*. – E S. Gregório Niceno, comentando particularmente a oração do Padre-Nosso, que é a primeira e principal do Rosário, diz que a oração perfeita é uma prática e conversação com Deus: *Est conversatio, sermocinatio que cum Deo*. E que fundamento tiveram estes grandes doutores, a quem seguem Santo Tomás, e todos os teólogos, para definir a oração com nome de colóquio, de conversação e prática com Deus? O fundamento que ambos tiveram foi porque o colóquio, a prática e a conversação, não só é falar, senão falar e ouvir: é dizer de uma parte, e responder de outra; e nesta comunicação recíproca consiste a essência e excelência da perfeita oração. Na oração menos perfeita fala o homem com Deus; na perfeita e perfeitíssima fala o homem com Deus e Deus com o homem. E isto é o que reciprocamente exercita o Rosário, como oração perfeitíssima, nas duas partes de que é composto. O Rosário compõe-se de oração vocal e mental; vocal nas orações que reza: mental nos mistérios que medita. Enquanto rezamos falamos com Deus: enquanto meditamos fala Deus conosco. O nosso rezar são vozes, o nosso meditar é silêncio; mas neste silêncio ouvimos melhor do que somos ouvidos nas vozes, porque nas vozes ouve-nos Deus a nós, no silêncio ouvimos nós a Deus.

Tal é o colóquio da oração perfeita, tal a prática do Rosário, e tal, com toda a propriedade, o dialogo do nosso Evangelho. A mulher falou com Cristo, e Cristo respondeu à mulher; a mulher disse da sua parte: *dixit illi* – e Cristo também disse da sua: *at ille dixit* – : ela disse bem, porque disse *beatus venter* – : o Senhor disse melhor porque disse *quinimmo beati*. E porque na parte vocal ouve Deus, e na mental ouve o homem, ela levantou a voz, para que o Senhor ouvisse as suas palavras: *extolens vocem* e o Senhor louvou os ouvidos com que ela tinha ouvido as palavras de Deus: *Qui audiunt verbum Dei*.

Suposto, pois, que no caso do presente Evangelho temos historiado o Rosário, e resumida, com tanta propriedade, a ideia de sua admirável composição, assim como Deus primeiro formou o corpo de Adão, e depois lhe infundiu a alma, o mesmo farei eu. A parte mental, que é a alma do Rosário, ficará para outro discurso; neste tratarei só da vocal, que é o corpo: queira Deus que me caiba nele. O assunto não há de ser meu, senão de quem levantou a voz: *extollens vocem*. A mesma que levantou a voz levantou o assunto. Assim que o que

determino mostrar, e havemos de ver hoje, será: que a oração vocal do Rosário, enquanto vocal, é a mais alta e levantada de todas: *extollens vocem*. Para que a Senhora nos assista com sua graça, ofereçamos-lhe agora uma vez o que tantas repetimos no Rosário: *Ave Maria*.

## **CAPÍTULO 2**

*Extollens vocem.*

Para compreender a excelência e alteza de qualquer oração vocal, nas mesmas vozes ou palavras de que é composta, se devem considerar três respeitos ou três partes essenciais: o que se pede, a quem se pede, e por quem se pede; o que, a quem, e por quem. Esta mesma distinção observou a mulher do Evangelho. A sua oração foi panegírica e laudatória, e na voz que levantou: *extollens vocem* – tocou os mesmos três pontos e os mais altos a que podia chegar o mais levantado espírito. O que louvou foi o mistério altíssimo da Encarnação; a quem louvou foi a pessoa do mesmo Verbo encarnado; e por quem o louvou foi pela Mãe que o concebeu em suas entranhas e o criou a seus peitos: *Beatus venter quite portavit*. Não pudéramos desejar nem melhor texto para dividir o nosso discurso, nem melhor guia para o seguir. A oração vocal do Rosário só se distingue desta do Evangelho pelo fim porque o fim, desta oração, como panegínica, foi louvar e a do Rosário, como deprecatória, é pedir. Aquela voz foi altíssima na consideração do que louvou, a quem louvou, e por quem louvou; e do mesmo modo é altíssima a voz do Rosário na consideração do que pede, a quem pede, e por quem pede. E estas serão as três partes do nosso discurso. Alta e altíssima a oração vocal do Rosário pela alteza das petições que nela fazemos: *extollens vocem*; alta e altíssima pela alteza da Majestade, a quem as presentamos: *extollens vocem*; e alta, finalmente, e altíssima pela alteza da intercessão de que nos valemos: *extollens vocem*. Ouçam agora com atenção os devotos do Rosário, e com inveja e arrependimento os que o não forem.

## **CAPÍTULO 3**

Considerando, pois, em primeiro lugar, a alteza da majestade a que presentamos nossas petições, e começando – para maior clareza – por onde começa o Rosário, qual é a sua primeira voz? A primeira voz do Rosário é: *Pater noster qui es in caelis* (Mt. 6,9): Padre Nosso, que estás em os céus. – E voz que chega da terra ao céu, e ao céu onde está Deus, vede se é alta e altíssima: *extollens vocem*?

Nós não reparamos nesta que parece vulgaridade; mas o maior mestre de orar, que foi Davi, faz grande reparo nela: *Voce mea ad Dominum clamavi, et exaudivit de monte sancto suo*. Davi era grande contemplativo, mas nesta ocasião – que foi quando fugia de seu filho orou vocalmente. Isso quer dizer *voce mea*, oração vocal. E o que muito pondera é que esta voz, saindo do vale do Cedrão, por onde caminhava, fosse ouvida no Monte labor da glória, onde Deus tem o trono de sua majestade: *De caelo et sublimi throno gloriae suae* comentas. Atanásio. O céu, onde Deus tem o trono de sua majestade, não é algum dos céus que vemos, senão outro céu sobre estes, quase infinitamente mais levantado e sublime; por isso não dizemos: *qui es in caelo*, senão: *qui es in caelis*. Da mesma frase usou Cristo, quando disse que os anjos que assistem na terra em nossa guarda sempre veem a Deus que está, não no céu, senão nos céus: *Semper vident faciem Patris, qui in caelis est*. E, combinando um texto com outro, é prerrogativa verdadeiramente admirável que, onde chegamos anjos com a vista cheguemos homens com a voz. A esfera da voz é, sem comparação, mais limitada que a da vista. Mas isto se entende da voz com que falamos, e não da voz com que oramos. A voz com que falamos mal se estende a toda esta igreja; e a vista tem tanto maior e mais alta esfera que chega ao firmamento, onde vemos as estrelas. Porém, a voz com que oramos, não só chega ao firmamento, que vemos, que é o céu das estrelas, mas ao mesmo empíreo, que não vemos, que é o céu de Deus. O céu que vemos é o céu da terra; o céu onde está Deus é o céu do céu: *Caelum caeli Domino*. E isto é o que ponderava e admirava Davi na voz da sua oração: *Voce mea ad Dominum clamavi, et exaudivit me de monte sancto suo*.

Mas daqui mesmo se vê que a alteza desta voz ainda é mais maravilhosa nos que rezam o Rosário. Davi diz que clamou e bradou com a sua voz: *Voce mea ad Dominum clamavi* – e no Rosário não é necessário clamar, nem ainda soar. Ana, mãe de Samuel, foi uma excelente figura dos que rezam o Rosário. Dela diz o texto sagrado que, multiplicando as preces, somente se lhe viam mover os beiços, mas a voz de nenhum modo se ouvia: *Cum multiplica ret preces coram Domino, tantum labia illius movebantur*. O mesmo passa cá pontualmente. Ana multiplicava as suas preces, e quem reza o Rosário também as multiplica, porque repete muitas vezes a mesma oração. A Ana só se lhe viam os movimentos da boca, porém a voz não se ouvia; e vós rezais o vosso Rosário com uma voz tão interior – e por isso mais devota – que nem os que estão muito perto vos ouvem, nem vós mesmos vos ouvis. E quando vós não ouvis a vossa mesma voz, é ela tão alta, e sobe tão alto: *Extollens vocem* – que chega ao céu dos céus, onde está Deus: *Qui es in caelis*.

Não faltará, porem, quem diga que esta circunstância de orarmos a Deus enquanto está no céu parece uma cerimônia supérflua, e não só não necessária, mas nem ainda conveniente. Comentando Santo Agostinho estas palavras, que em seu tempo ainda não eram do Rosário, mas eram as mesmas, diz assim: *Non*

*dicimus Pater noster, qui es ubique, cum et hoc verum sit, sed Pater noster, qui es in caelis.* Deus, por sua imensidade, está em toda a parte, e não só conosco, senão em nós, em qualquer lugar onde estivermos. Logo não é necessário invocar a Deus enquanto está no céu, pois também o temos na terra quanto mais que invocá-lo no céu, parece que é afastarmos a Deus de nós, e orar de longe, quando fora mais conveniente e mais conforme ao afeto da devoção fazê-lo de perto. Não é mais conveniente falarmos com Deus onde ele está e nós estamos, que onde ele está e nós não? O mesmo Davi, tão grande mestre desta arte, pedia a Deus que a sua oração chegasse muito perto do seu divino acatamento: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo.* E o Rosário, antes de as Ave-Marias convertidas em rosas lhe darem este nome, chamava-se o Saltério da Virgem, porque o de Davi se compõe de cento e cinquenta salmos, e o da Senhora de outro tanto número de saudações angélicas. Pois, se Davi, no seu Saltério, pede a Deus que a sua oração chegue muito perto dele: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo* – como nós, no Saltério da Virgem, nos pomos tão longe de Deus, ou a Deus tão longe de nós, quanto vai da terra ao céu: *Qui es in caelis?*

Digo que não é diferente o nosso ditame, senão o mesmo que ode Davi. E por quê? Porque quanto o que ora se põe mais longe de Deus, tanto a sua oração chega mais perto dele. Põe-se a oração e o que ora diante de Deus como em duas balanças: enquanto o que ora mais se abate e fica mais longe, tanto a oração mais sobe e chega mais perto: ele mais longe por reverência, e ela mais perto por aceitação. Foram dois homens ao templo a orar, diz Cristo, um fariseu e outro publicano. O fariseu, como religioso que era daquele tempo, chegou-se muito perto do altar e do *Sancta Sanctorum*, e ali representava a Deus suas boas obras. O publicano, pelo contrário, pôs-se lá muito longe: *Stans a longe* (Lc. 18,13) e sem se atrever a levantar os olhos ao céu, batia nos peitos, e pedia perdão dos seus pecados. Esta foi a diferença dos oradores e das orações. E qual foi o sucesso? *Descendit hic justificatus ab illo.* O que se chegou muito perto do altar e de Deus ficou a sua oração muito longe, porque foi reprovada, e o que se pôs muito longe: *Stans a longe* – chegou a sua oração muito perto de Deus, porque foi aceita. Ele longe por respeito, e a sua oração perto por agrado; ele longe por reverência, e ela perto por aceitação: *Non audebat appropinquare, ut Deus ad eum appropinquare* – diz o Venerável Beda. E isto é o que nós fazemos logo no princípio do Rosário. Ainda que Deus está em toda a parte, não o invocamos de perto, enquanto assiste na terra por imensidade, senão de longe, e tão longe, enquanto preside no céu por majestade: *Qui es in caelis* – e quanto nós, como é razão, mais nos abatemos, tanto a voz da nossa oração mais se levanta: *Extollens vocem.*

É verdade, como ponderava Santo Agostinho, que para a eficácia da nossa oração bastava orar a Deus na terra, mas para a dignidade não. Porque Deus na terra esta só por presença, coração imenso, no céu está por majestade, como



Altíssimo. Esta foi a diferença que considerou e distinguiu o Pródigo na sua oração: *Peccavi in caelum, et coram te* (Lc. 15,18): Pequei contra o céu, e na vossa presença. – E por que fez aquele moço, já bem entendido, esta diferença de lugar a lugar e de Deus a Deus? Porque na terra reconhecia a sua presença, e no céu considerava a sua majestade. No *coram te* confessava a presença ofendida, *nopeccavi in caelum* a majestade lesa. E como Deus na terra está só por presença, como imenso, e no céu por majestade, como Altíssimo: *Tu solus Altissimus in omni terra* por isso o divino autor desta divina oração, para que conhecêssemos o modo de orar altíssimo, que nos ensinava, nos mandou que orássemos a Deus, não enquanto está por presença em todo lugar, mas enquanto está por majestade no céu dos céus: *In caelis*. O publicano que orou bem, mas a modo da lei velha, diz o evangelista que nem os olhos se atrevia a levantar ao céu: *Nolebat nec oculos ad caelum levare* (Lc. 18,13) porém, o Mestre divino da lei da graça, não só quer que levantemos os olhos e as mãos ao céu, mas que logo no princípio da nossa oração a presentemos no céu dos céus diante do divino acatamento, e que onde Deus assiste por majestade como Altíssimo, lá entre confiadamente a nossa oração, e lá suba e se levante a nossa voz: *Extollens vocem*.

#### **CAPÍTULO 4**

E se esta voz ou esta oração vocal do Rosário se levanta tanto, e é tão alta quando dizemos: *Qui es in caelis*, quem poderá bastantemente declarar a alteza, não só inacessível, mas tremenda, aonde se levanta e remonta a mesma voz, quando com ela se atreve a língua mortal a pronunciar *Pater noster*? O grande S. Pedro Crisólogo, cujas palavras, por antonomásia, foram chamadas de ouro, subindo um dia ao púlpito de Ravena, onde, como arcebispo seu, era visto frequentemente, começou desta maneira: *Hodie, quod audituri estis, stupent angeli, mirantur caelum, pavet terra, caro non fert, auditus non capit, non attingit mens tota non potest sustinere creatura, ebo dicere non audeo, tacere non possum*: O que trago hoje para pregar, e o que haveis de ouvir – diz Crisólogo – é um caso de que pasmam os anjos, de que se assombra o céu, de que tem medo a terra, de que se estremecem as carnes: é um caso que não cabe nos ouvidos, que não alcançam os entendimentos, que não tem ombros para o suportar toda a máquina das criaturas, e que eu me não atrevo a dizer nem posso calar: *Dicere non audeo, to cere non possum*. Tende mão, Demóstenes divino. E que exórdio é este tão desusado? Que caso tão novo, tão inaudito, tão tremendo para a terra, tão espantoso para o céu, e para homens e anjos tão estupendo? Ainda é maior do que tenho representado, e maior que quanto se pode encarecer nem imaginar. E qual é? É – conclui o grande teólogo e eloquentíssimo orador – e que se pode atrever a língua humana a dizer a Deus: *Pater noster*. Pois dizer a Deus: Padre nosso, esta voz tão breve, este nome tão amoroso, é aquele trovão que faz estremecer o céu e a terra, o pasmo

dos anjos, o assombro dos homens, o horror de todas as criaturas? Sim. E se nós tivéssemos entendimento para compreender o mesmo que dizemos quando olhássemos para as alturas, aonde se levanta a nossa voz: *Exoollens vocem* – antes havíamos de emudecer que pronunciá-la, e dizer como Crisólogo: *Dicere non audeo*.

Ainda depois de Cristo nos mandar orar por estes termos, ainda depois de sua majestade nos dar esta licença, e seu amor esta confiança, vede o tento, a submissão, o recato e o sagrado honor, com que o faz a Igreja Católica: *Praeceptis salutaribus moniti, et divina institutione formati, audemus dicere; Pater noster*: Obrigados, Senhor, do vosso preceito, admoestados da vossa doutrina, e instruídos na forma da vossa divina instituição, ousamos a vos dizer! quê? *Pater noster*. – De sorte que invocar a Deus com o nome de nosso Pai, é uma coisa tão alta, tão sublime, tão superiora toda a capacidade humana que, ainda depois de instruídos, e admoestados e obrigados com preceito a orar por estes termos, e a invocar a Deus com este nome, lhe chama a igreja ousadia: *Audemus dicere*. Tão grande ousadia, se não fora preceito, era a maior arrogância, e se não fora fé, a maior soberba. Assim o entendeu Santo Agostinho, quando disse: *Non ergo hic arrogantia est, sed fides; non superbia, sed devotio*. Invocarmos a Deus com o nome de Pai nosso, é graça e doutrina de seu próprio Filho; logo, não é arrogância, senão fé, logo não é soberba, senão devoção. Mas fé e devoção tão alta, que a soberba de Lúcifer se precipitou do céu, só porque entendeu que havia de haver um homem que chamasse a Deus Pai. E esta altura, de que ele caiu, é a mesma a que nós subimos: muito alta quando dizemos: *Qui es in caelis*, mas imensa e infinitamente mais alta quando dizemos: *Pater noster*.

E por quê? A diferença é manifesta. Porque quando dizemos: *Qui es in caelis*, sobe a nossa oração no céu até o trono de Deus: mas quando dizemos: *Pater noster*, sobe a mesma oração em Deus até o seio do Padre. O seio do Padre é o lugar de seu Unigênito Filho: *Unigenitus qui est in sinu Patris* – e onde o Filho tem o assento por natureza quis que nós tivéssemos o acesso por graça, e que ao mesmo Pai, de quem ele é Filho, disséssemos nós com verdade: *Pater noster*. Assim o ensina com toda esta especialidade não menos que o apóstolo S. Paulo: *Nom enim accepistis spiritum servitutis iterum in timore, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus: Abba, Pater*. Exorta-nos o apóstolo a que vivamos conforme a dignidade do nosso estado, não com espírito de temor, e servil, como os da lei velha, mas com espírito de amor, e filial, como nascidos na lei da graça, advertindo – diz – que vos levantou Deus ao lugar de seu próprio Filho, adotando-vos por tais, como bem se mostra na confiança com que as nossas vozes dizem, ou nós dizemos a vozes: Padre nosso: *lia quo clamamus: Abba, Pater* – Primeiro que tudo notai o *Pater* e o *clamamus: o clamamus, que é próprio da oração vocal, e o Pater que é a primeira voz do Rosário. Mas, se Moisés, Josué, Davi, Elias, Eliseu, e os mais, também oravam, e oravam ao*

mesmo Deus que nós invocamos, em que consiste esta diferença ou excelência da nossa oração, que S. Paulo tanto encarece em comparação da sua? Consiste, como declara o mesmo apóstolo, em que na nossa oração chamamos a Deus Pai: *lia quo clamamus: Abba, Pater*. Na lei velha, nem em Deus era conhecido o nome de Padre, nem o Padre tinha comunicado aos homens a adoção de filhos. Uma e outra coisa fez Cristo. Deu a conhecer o nome do Padre: *Pater, ego manifestavi nomen tuum hominibus* – e deu aos homens a graça de poderem ser filhos do mesmo Padre: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri* e por isso os da lei velha, como servos, oravam a Deus como Deus, e os da lei da graça, como filhos, oramos a Deus como Pai.

Grande texto na mesma pessoa do Filho, e com inteligência pouco observada e, porventura, não sabida. Quatro vezes orou Cristo na sua Paixão, mas não pelos mesmos termos. Três vezes orou a Deus como Pai, e uma vez como Deus. No Horto como Pai: *Pater, si possibile est*; quando o pregavam na cruz como Pai: *Pater, dimitte illis*; quando finalmente expirou como Pai: *Pater, ia manus tuas comendo spiritum meum*. Porém, quando se lamentou de se ver desamparado e deixado, não chamou a Deus Pai, senão Deus, e Deus repetidamente: *Deus meus, Deus meus ut quid dereliquisti me?* Pois, se Cristo, se o Filho do Eterno Padre em tantas outras ocasiões o invocou com o nome de Pai, como agora lhe não chama Pai, senão Deus? Maior dúvida ainda, e mais nova. As outras orações em que Cristo usou do nome de Pai, todas refere o texto sagrado, assim grego, como latino, na mesma língua vulgar, e só esta, em que o Senhor usou do nome de Deus, lê o Evangelho na língua hebraica: *Eh, Eh, lamma sabacthani* (Mat. 27,46). – Qual é, logo, a razão de uma e outra diferença, ambas tão particulares e tão notáveis? A primeira torno a dizer por que só nesta oração chama Cristo ao Padre Deus? A segunda, por que só esta oração se escreve na língua hebraica? Direi. Cristo Redentor nosso na cruz, como quem atualmente estava pagando pelos pecados de todo o gênero humano, representava em sua pessoa os dois povos, de que o mesmo gênero humano se compunha: o judaico e o gentílico. E como Deus naquela hora deixava e lançava de si o povo judaico, por isso Cristo, enquanto representava o mesmo povo, se lamentava de se ver deixado: *Ut qui dereliquisti me?* Assim expõe este texto Teofilato, e, creio, entenderão todos os doutos, que é o sentido mais próprio e mais literal dele: *Ut quid dereliquisti me, id est, meum genus, meum populum, qui secundum carnem mihi cognati sunt*. E daqui ficam finalmente respondidas ambas as nossas questões: a de se referir só este texto na língua hebraica, porque Cristo naquela ocasião representava o povo judaico deixado, e em seu nome se lamentava; e a de orar então a Deus como Deus, e não como Pai, porque os do mesmo povo, por mais santos e favorecidos que fossem, não falavam a Deus como Pai, senão como Deus. É pontualmente tudo o que dizia S. Paulo. Eles, porque viviam à lei de servos: *In spiritu servitutis* – oravam a Deus como Deus; nós, que vivemos em foro de filhos: *lia spiritu adoptionis filiorum* oramos a Deus como Pai: *In uo clamamus: Abba, Pater* – E notai outra vez a palavra *clamamus*,

que não só significa voz senão voz muito alta e levantada. Porque aquela grande altura, aonde nunca puderam chegar as orações e vozes dos maiores patriarcas, por essa começamos nós hoje com a primeira oração e a primeira voz do Rosário: *Extollens voccen*.

## CAPÍTULO 5

Passando à segunda parte do nosso discurso, vejamos agora como a mesma voz, ou oração vocal do Rosário, não é menos alta e altíssima pela alteza das petições que nela fazemos. As do Padre-nosso, antes de chegar a Ave-Maria – em que fazemos uma só – são sete; e as três por onde começamos – para que as ponderemos por junto – muito notáveis. A primeira: *Sanctificetur nomeia tuum* em que pedimos a Deus a santificação de seu nome; a segunda: *Adveniat regnum tuum* – em que pedimos a propagação universal do seu reino; a terceira: *Fiat vobu atas tua, sicut ia caelo et ia terra* – em que pedimos a execução da sua vontade, tão inteiramente na terra como no céu. Mas estas petições, se bem se consideram, parece que o não são. Quem pede a Deus como bem argui aqui S. Gregório Niceno - ou pede o remédio de suas necessidades, ou o socorro de seus trabalhos, ou o aumento e conservação de seus bens, ou outra coisa sua, e para si. Mas nestas petições nada é nosso, nem nos pertence a nós; tudo é do mesmo Deus a quem pedimos: *nomeia tuum*: o teu nome; *regnum tuum*: o teu reino; *voluntas tua*, a tua vontade. Pois, se tudo isto é seu, e não nosso, se tudo pertence a Deus, e não a nós, por que lho pedimos a ele? Porque esta é a alteza altíssima da oração vocal do Rosário: *Extollens vocem*. O mais alto ponto a que se pode levantar e subir a oração humana não é pedir a Deus para nós, é pedir a Deus para Deus.

Quando Cristo, Senhor nosso, ajuntou ao número dos apóstolos o dos setenta e dois discípulos, disse-lhes assim: *Messis quidem multa, operarii autem pauci. Rogate ergo dominam messis ut mittat operarios ia messem suam* (Lc. 10,2): A seara que vos mando cultivar é muita, mas os operários ou lavradores são poucos; pelo que rogai ao Senhor da seara que mande mais operários à sua seara, ou à seara sua: *lia messem suam*. – *Este suam* e aquele *ergo* parece que não fazem boa consequência. Se Cristo é o Senhor da seara: *Dominam messis*: se a seara é sua: *lia messem suam* – como nos manda a nós que lhe roguemos e peçamos a ele que mande operários? Não é o mesmo Senhor aquele vigilante pai de famílias que madrugou muito cedo, e em todas as horas do dia saiu em pessoa à praça a chamar e alugar operários para a vinha, não por outra razão, senão porque era sua: *Ite et vos ia vineam meam?* – Pois, se a cultura e a colheita da sua seara está à conta da sua providência e do seu cuidado, por que a encomenda às nossas orações: *Rogate Dominam messis?* – Se a seara fora nossa, então nos incumbia a nós rogar e pedir a Deus nos desse os meios para ela; mas que, sendo a seara de Deus, nós hajamos de rogar ao mesmo Deus que

se lembre da cultura da sua seara, *Ut mittat operarios ia messem suam?* – Bem se mostra que o mesmo autor do Padre-nosso é o mestre desta doutrina. Manda que, sendo a seara de Deus, e não nossa, sejamos nós os que roguemos por ela, porque a oração perfeita e perfeitíssima não é pedirmos nós para nós, é pedirmos a Deus para Deus. Pedirmos nós para nós é procurar os nossos interesses; pedirmos a Deus para Deus é solicitar a sua glória. E isto é o que fazemos nas primeiras três petições do Rosário. Se dizemos *sanctificetur*, para glória de Deus: *nomen tuum*; se dizemos *adveniat*, para glória de Deus outra vez: *regnum tuum*; se dizemos *fiat*, para glória de Deus do mesmo modo: *voluntas tua*.

Um rei houve no mundo, tão soberbo e tão louco, que tudo isto quis para si. Quis a exaltação de seu nome, fazendo-se chamar Deus; quis a dilatação de seu reino, tratando de o estender por todo o mundo; quis a execução universal da sua vontade, mandando que ela só, e nenhuma outra, fosse obedecida. Já sabeis que falo de Nabucodonosor, mais que bruto quando entrou neste pensamento que quando pastava no campo. Tinha cercado a cidade de Betúlia, mais apertada já da sede que do mesmo sítio; orou Judite a Deus; mas como orou? Lástima é que o não fizesse com um Rosário nas mãos. Mas por isso disse S. Paulo que tudo o que se fazia na lei velha era figura da nova: *Omnia ia figura contingebant illis*. A oração que fez depois de alegar as maravilhas de Deus em favor e defesa do seu povo foi nesta forma: *Erige brachium tatua sicutab initio, et allitie virtutem illorum ia virt ate tua: cadat virias comia ia iracundia tua* (Jdt. 9,11): Levantai, Senhor, vosso onipotente braço como antigamente, quebrantai o poder de nossos inimigos com a força do vosso, e sinta a soberba e violência dos seus exércitos o justo rigor da vossa ira. – Isto é o que pede a oração de Judite; agora se seguem os motivos que alega a Deus: *Qui promittunt se violare sancta tua et polluere tabernaculwn nominis tui, etdejicere gladio suo com altaris tu* (Jdt. 9,11): Porque vem prometendo e ameaçando que hão de violar o sagrado de vosso santuário, que hão de profanar o tabernáculo de vosso santíssimo nome, e que com o feno das suas armas hão de destruir e arrasar os vossos altares. – Pois, senhora, isto é o que só alegais a Deus? Muito mais é o que promete, muito mais o que ameaça o inimigo, de que está cercada e tão apertada Betúlia. Ameaça que há de assaltar a cidade e levá-la à viva força; ameaça que, a quantos a quiserem defender, não há de perdoar a vida, mas serem passados todos ao fio da espada; ameaça que o saco e despojos hão de ser a rica presa de seus soldados, em que a vossa casa terá mais que roubar; ameaça que os poucos que escaparem da primeira fúria, grandes, pequenos, homens, mulheres, meninos, hão de ficar cativos ou não hão de ficar porque todos serão levados em cadeias ao desterro remotíssimo da terra dos assírios. Pois, se isto, e muito mais, é o que ameaça o exército de Holofernes, e afama e tenor de seu nome, como vós só alegais a Deus os sacrilégios do seu santuário, as injúrias do seu tabernáculo, a desolação de seus altares? Eis aqui porque na oração de Judite, e nestas três alegações que faz a Deus, se representaram as

três petições do Rosário. Nada teme e nada pede a Deus para si: tudo teme e tudo pede a Deus para Deus. Assim como nós dizemos: *Nomeia tuum, regnum tuum, voluntas tua*, assim Judite não diz nem representa outra coisa a Deus, senão: *Sancta tua, tabernaculum nominis tui, coma altaris tui*.

E se alguém me disser que somos humanos, e não divinos, de carne, e não espíritos, que padecemos trabalhos, necessidades, misérias, e que, assim como pedimos a Deus para Deus, devemos também pedir a Deus para nós, respondo que assim é verdade, e que nem por isso devemos perder a devoção ao Rosário, nem a piedade ao Padre-nosso. Deixada a quarta petição para melhor lugar, assim como nas três primeiras só pedimos para Deus, assim nas três últimas só pedimos para nós. Nas três primeiras tudo para Deus: *Nomeia tuum, regnum tuum voluntas tua*: nas três últimas tudo para nós: *Dimitte aobis, ae nos iaducas, libera nos*. Mas, em que se vê a ordem e diferença de umas a outras petições, digníssima da sabedoria do seu divino autor? Vê-se – como bem notaram Santo Tomás e S. Boaventura – vê-se em que as que nos pertencem a nós vão em segundo lugar, e as que pertencem a Deus no primeiro. Oh! se guardássemos esta ordem, como seriam aceitas nossas orações! Mas muitos rezam o Rosário e o Padre-nosso às avessas. E queira Deus que não haja alguns que todo seu emprego ponham na quarta petição mal interpretada, e só tratem do *panem abstraia*, quando não seja do alheio. Deixados porém estes, os que rezam o Padre-nosso às avessas são os que põem em primeiro lugar o que lhes toca a eles, e no último o que pertence a Deus. Na mesma Betúlia e sem sair das linhas do sítio, temos o exemplo. Já ouvimos a oração de Judite: ouçamos agora a dos outros cercados, e, não só guiados pelo seu ditame, senão pelo dos mesmos sacerdotes, que é o que mais me escandaliza. Cobriram os sacerdotes os altares de luto e de cilício, e fizeram a sua oração desta maneira: *Clamaverant ad Dominam uaanimiter ne darentur ia praedam infantem eorum, et uxores eorum ia divisionem, et civitates eorum ia exterminium, et sancta eorum ia pollutionem* (Jdt. 4,10). – Vede por onde acabam e por onde começaram, – Clamaram a Deus – diz o texto – pedindo que seus filhos não ficassem cativos, que suas mulheres não fossem divididas deles e desterradas, que suas cidades e casas não fossem destruídas, e que as coisas sagradas não fossem profanadas. – Pois agora? Sim, agora. O sagrado e o de Deus no último lugar; nós e o nosso no primeiro. Ora os homens como vivem, Os interesses e conveniências temporais diante de tudo, como se faz na vida; o de Deus, o da consciência, o da alma lá para o fim, como se faz na morte. E esta ordem, ou desordem, tão encontrada com a disposição das petições de Cristo, não é de quem reza quinze vezes no Rosário a oração do Padre-nosso, nem de quem sabe o que pede, ou como há de pedir.

## CAPÍTULO 6

Mas vamos às três últimas petições, também por junto, porque não sofre outra coisa a brevidade, e veremos que ainda que em todas elas tratamos de nós, nem por isso a voz de cada uma é menos alta e levantada: *Extollens vocem*. A primeira é altíssima na confiança, a segunda altíssima na generosidade, a terceira altíssima no juízo, e todas três altíssimas na importância. *Dimitte nobis*, diz a primeira – *sicut et aos dimittimus debitoribus nostris*: perdoai-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. – Quem há de dizer que fala com Deus quem assim fala? Há tal modo de pedir? Há tal resolução? Há tal confiança? Isto é pormo-nos nós a Deus por exemplo, isto é dizermos a Deus que nos imite a nós, e que faça o que nós fazemos. Assim o nota em próprios termos S. Gregório Niceno: *Ut Deus facta nostra imitetur: ut dicas; Egofecit Domine fac; solvi, solve; dimisi, dimitte*. Não se poderá arguir nem encarecer melhor. Mas não diz isto o santo e doutíssimo padre para estranhar a confiança da petição, senão para declarar a alteza a que Deus nos levanta, mandando-nos orar em tal forma. Quando Cristo nos manda que lhe peça perdão, alegando juntamente que nós também temos perdoado, cuidava eu que era o mesmo que fazer a petição com folha corrida. Porém, os santos, que o entendem melhor, não querem que seja tão pouco.

S. Pedro Crisólogo, escrevendo sobre esta mesma petição, diz que, quando perdoamos as ofensas que nos fazem nossos inimigos, nós mesmos nos damos o perdão das ofensas que temos feito a Deus: *Homo, iatellige, quia remittendo aliis, tu tibi veniam dedisti*. Com razão disse o santo: *Homo intellige*: Homem, entende porque isto parece que se não pode entender. Dar perdão de pecados é jurisdição ou regalia somente de Deus: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* Logo, como me posso eu dar a mim mesmo o perdão de meus pecados? *Tu tibi veniam dedisti?* Funda-se esta sentença naquela promessa de Cristo: *Dimittite, et dimittemini* (Lc. 6,37): Perdoai, e sereis perdoados. – E como esta promessa é condicional, e a condição depende de mim, quando eu cumpro a condição eu sou o que me perdo. Deus não me pode perdoar as suas ofensas sem que eu perdoe as minhas; e, se eu perdo as minhas, não pode Deus deixar de me perdoar as suas. Daqui vem que o perdão mais depende de mim que de Deus porque Deus está obrigado à sua promessa, e eu não estou obrigado à condição, Deus não pode faltar ao perdão, ainda que quisesse, e eu não posso perdoar, se quiser. Tanto assim que não duvidou Hugo Cardeal de proferir uma proposição que não sei como coube no juízo de um teólogo tão douto e tão insigne.

Diz que ao homem que perdoa o faz Deus seu senhor. As palavras são estas: *Jubet remittere, ut conscientiam purget; promittit veniam, ut statuatur in spe; et te facit dominum suum*: Manda-te Deus perdoar para te purgar a consciência; prometeste o perdão para te confirmar na esperança: *Et te facit dominum suum*: e te faz Deus seu senhor. Mas como se pode entender ou defender que Deus, neste caso, faça ao homem seu senhor? A razão ou sutileza deste

pensamento é que, como Deus se pôs a si mesmo aquela lei de perdoar a quem perdoa; o homem fica livre, e Deus obrigado; o homem fica senhor da lei, e Deus sujeito a ela. E quando o homem é senhor da lei, e Deus não, fica o homem por este modo senhor do mesmo Deus: *Tefacit dominum suum*. Explica Hugo o seu dito, acrescentando em nome de Deus! *Sicut decreveris de eo, et ego de te decernam*: Assim como tu julgares de quem te ofendeu, assim julgarei eu de ti. – Parece-se este privilégio com o das chaves de S. Pedro; mas S. Pedro julgava como vigário, e o que perdoa, como senhor, e como senhor, neste caso, não de outrem, senão do mesmo Deus: *Tefacit dominum suum*. – Isto é, em uma palavra, fazê-lo Deus senhor do seu poder, o qual se não distingue dele. E como os que rezam o Rosário dizendo tantas vezes: *Sicut et nos dimitimus*, demitem de si o senhorio que têm sobre aquela lei, e, por este modo, sobre o mesmo Deus, vede se é alto e altíssimo o ponto a que sobe e se levanta a voz desta petição: *Extollens vocem*.

## CAPÍTULO 7

E se esta é altíssima pela confiança do que diz e do que supõe pedindo, a que se segue não é menos alta, pela generosidade do que pede e do que não pede: *Et ne nos inducas ia tentationem*: E não nos deixeis cair em tentação. – Notai o que pedimos e o que não pedimos. Não pedimos a Deus que nos tire ou nos livre das tentações: pedimos que nos não deixe cair nelas. Nenhuma versão traduziu melhor o *ne nos inducas inducas* que a nossa portuguesa. Cair dizemos, e não derrubar porque derrubar é força e impulso alheio; o cair, fraqueza ou descuido próprio. Quem diz: Não nos deixes cair, de si se teme mais que do inimigo, contra si pede o socorro que pede para si. Mas, se na tentação está o perigo, não seria mais conveniente e mais seguro pedirmos a Deus que nos livrasse de ser tentados? Não. O mal não está em ser tentado; está em ser vencido. Se fora melhor não ser tentado, como bem discorre Cassiano, não permitira Deus as tentações, mas quer que haja batalhas, porque nos tem aparelhada a coroa. O soldado generoso estima a guerra, porque deseja a vitória; e não recusa o combate, porque aspira ao triunfo. Por isso diz São Tiago – e é a primeira coisa que diz – que não havemos de receber as tentações com honor e tristeza, senão com alvoroço e alegria: *Omne gaudium existimate cum ia tentationes varias incideritis*. O cavalo generoso – como se descreve no livro de Jó, com maior elegância do que o pudera pintar Homem – em ouvindo o sinal da guerra, fita as orelhas, quebra as soltas, bate a terra, enche de relinchos o ar, não lhe cabem os espíritos pelas ventas, treme todo de fogo e de coragem com o alvoroço e brios de sair à batalha. Este é o instinto da generosidade, ainda onde falta a razão; e esta é a razão que nós temos para pedir a Deus, não que nos não deixe tentar, mas que nos não deixe cair.



Se Deus nos deixara tentar mais do que podem as nossas forças, então tínhamos justa causa de recusar as tentações; ouvi, porém, o seguro que nos dá S. Paulo: *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari supra id quod potestis* (1 Cor. 10,13): Deus é fiel, o qual não consentirá jamais que sejais tentados sobre o que podeis resistir. – E diz nomeadamente o apóstolo neste caso que Deus é fiel: *Fidelis Deus est* porque o contrário seria espécie de engano, e meter-nos Deus na cilada para cairmos nela. É verdade, como nota o mesmo S. Paulo, que a nossa luta nas tentações não é de homem, senão de homens de carne e sangue contra o poder e astúcia dos espíritos das trevas: *Non est nobis colluctatio adversas carnem et san guinem: sed adversus principes et potestates tenebrarum harum, contra spiritualia nequitiae*. Mas, para que possamos sair vencedores em uma luta tão desigual, vede como iguala Deus os partidos, e lhes modera a eles o excesso das forças, e as mede com as nossas.

Lutou com Jacó aquele anjo, o qual Orígenes e outros querem que fosse anjo mau; mas, pelo que toca às tentações, tanto importa ser anjo, como demônio porque não são os mais feiosos que mais tentam. O que faz ao nosso caso é que sendo Jacó homem, e o anjo, com quem lutava, espírito como pode ser que lhe pudesse resistir e prevalecer contra ele? Muitos mil homens não têm parelha nas forças com um só anjo, como se viu no exército dos assírios, em que um só anjo, em uma noite, matou mais de cento e oitenta mil homens. Pois, se as forças de Jacó eram tão inferiores às do anjo, como lutou com ele tão forte e porfiadamente, e o apertou de tal sorte que finalmente o venceu? A razão é porque não permitiu Deus ao anjo que usasse de todas as forças naturais que tinha, mas somente em tal medida e proporção que Jacó, com as suas, lhe pudesse resistir e prevalecer. Isto mesmo é o que diz S. Paulo: *Nom patietur vos tentari supra id quod potestis*. E isto, e pelo mesmo modo, é o que Deus faz em todas as tentações, não permitindo jamais que sejam tão fortes e poderosas que as nossas forças, ajudadas da sua graça – cem que nunca falta – as não possam resistir e sair com vitória. E como desta parte estamos seguros, não quer Deus que lhe peçamos nos livre das tentações como tímidos e fracos, senão somente que nos não deixe cair nelas, – e que, como valentes e generosos soldados, nos ponhamos em campo por seu serviço, em defesa de sua lei e para glória de seu nome. Aos homens, ou os tenta Deus para os provar, ou os tenta o demônio para os perder, ou os tentam os outros homens para os oprimir. Se Deus não tentara a Abrão, como seria a sua obediência tão celebrada? Se o demônio não tentara a Jó, como seria a sua paciência tão gloriosa? Se Saul não tentara a Davi, como seria a sua caridade tão heroica e a sua humildade tão exaltada? Por isso não pedimos a Deus, nem Cristo quer que lhe peçamos, que nos livre de tentações, senão somente que nos não deixe cair reconhecendo, porém, e confessando a nossa fraqueza, para que, sobre o baixo deste fundamento, suba mais seguramente ao alto a voz de nossa oração. *Extollens vocem*.

## CAPÍTULO 8

Finalmente, a terceira e última Petição é altíssima no juízo. E por quê? Porque entendemos, julgamos e declaramos que todo o mal é o pecado, e que, entre todos os que vulgarmente se chamam males, só o pecado verdadeiramente é mal e deste mal pedimos a Deus que nos livre quando dizemos: *Sed libera nos a malo*. Oh! Se os homens acabassem de se persuadir, e penetrassem intensamente ou se deixassem penetrar desta grande verdade! Com quão diferente afeto fariam a Deus esta petição, e desejariam o que nela se pede! Todas as infelicidades do mundo, donde cuidais que têm a sua primeira raiz? Todas nascem da equivocação de dois nomes, todas nascem daquele engano e erro geral com que anda equivocado em todas as línguas o nome do mal e do bem. Por isso se lamentava e bradava Isaías: *Vae qui dicitismalum bonum, etbonum malum* (Is. 5,20): Ai de vós os que chamais mal ao bem! – Não há outro bem neste mundo que seja verdadeiramente bem, senão a graça de Deus nem outro mal que seja verdadeiramente mal, senão o pecado. Por estes dois artigos de fé se ata o fim do Padre-nosso com o princípio da Ave-Maria. Como começa a Ave-Maria? Ave grafia plena, *Dominas tecun*. Pois, Anjo tão bem entendido como bem-aventurado, não tendes outro título mais alto, não tendes outro nome de maior majestade com que saudar a vossa Rainha? – Não. Porque na graça, de que está cheia, se inclui todo o bem, assim como no pecado, a que nunca esteve sujeita, foi livre de todo mal. A graça não pode estar junta com o pecado; e como Maria, desde o instante de sua concepção sempre foi cheia de graça, nesta graça e nesta isenção de pecado consiste toda a soberania da sua grandeza, ainda maior que a de ser Mãe de Deus, que eu lhe venho anunciar. Tão grande bem é a graça, tão grande mal é o pecado!

E para que ninguém duvide que este mal de que pedimos a Deus nos livre é todo o mal, e não há outro, ouçamos ao mesmo Mestre, que assim nos ensinou a pedir encerrou todas as outras petições com esta, como a chave e mais importante de todas. Naquela misteriosa oração que Cristo fez a seu Eterno Padre sobre a última Ceia, recomendando muito debaixo de sua divina proteção os discípulos, de quem se apartava, a cláusula com que rematou a recomendação foi esta – *Nom rogo ut toílas eos de mundo, sed ut serves eos a malo* (Jo. 17,15): Não vos peço, Pai meu, que os tireis do mundo, para cuja conversão são necessários mas o que muito vos rogo, é que os guardeis e livreis do mal. Esta foi a oração, e parece verdadeiramente que não foi ouvida. Que pobreza, que fomes, que sedes; que perseguições, que cárceres, que desterrós; que afrontas, que desprezos, que ignomínias; que calúnias, que acusações, que injustiças; que açoites, que tormentos, que martírios, não padeceram aqueles mesmos apóstolos em todas as partes do mundo, e em todos os dias e horas da vida, até finalmente a perderem cruel, e afrontosamente, uns crucificados,

como Pedro, outros aspados, como André, outros esfolados, como Bartolomeu, e todos, sem exceção de um só, tão bárbara e desumanamente atormentados, quanta era a impiedade e ódio infernal dos tiranos? Pois, se todos os trabalhos, misérias, desgraças, aflições, penas, desonras enfim, se todos os males do mundo se uniram e conjuraram contra estes homens, e se empregaram e apuraram neles, sem que Deus o impedisse nem os livrasse, deixando-os padecer e morrer como se cumpriu – pois não podia deixar de ser ouvida – a verdade da oração de Cristo: *Ut serves eos a malo?* Eles padeceram todos os males, e o Padre livrou-os de todo o mal? Sim. Porque confirmando-os em graça, livrou-os do pecado, e todos os que o mundo chama males, não são males: só o pecado é mal: *Non dicit ut serves eos a tribulationibus, ab odiis, a persecutionibus, sed a malo, hoc est a peccato, quod simpliciter est malum* – diz o Cardeal Caetano e não era necessário que nem ele nem outro algum o dissesse.

Este é o mal de que pedimos a Deus nos livre, e esta a coroa em que Cristo rematou a sua oração, para que dissesse o fim com o princípio. No princípio disse: *Pater noster*; no fim diz: *Sed libera nos a malo*; e este foi unicamente o mal de que o Eterno Padre, como Pai, livrou unicamente a seu Filho, Não o livrou das pobreza, nem dos trabalhos, nem das perseguições, nem dos desterrados, nem dos ódios, nem das injúrias, nem dos açoites, nem da morte, e morte de cruz: o de que só o livrou foi o pecado, dando à humanidade de Cristo a união hipostática, com que a fez impecável. E como o altíssimo juízo desta última petição mete debaixo dos pés todo aquele mundo de horrores a que o mesmo mundo chama males, e dizendo: *Libera nos a malo* só reconhece por mal o pecado, por ser ofensa de Deus nem na terra, nem no céu, nem dentro do mesmo Deus pode haver conceito mais levantado que o deste juízo, nem voz mais alta que a desta petição: *Exstolens vocem*.

## CAPÍTULO 9

Voltando agora atrás, e pondo-nos na quarta petição, que para este lugar reservamos, o que ela diz é o que se não podia entender quando se disse. O que se entendeu então, foi que o Senhor falava só do pão ordinário e usual, com que se sustenta o corpo; mas depois que o tomou em suas sagradas mãos, e o consagrou, então se manifestou que falava principalmente de seu próprio corpo, o qual nos deu debaixo das espécies de pão, para sustento da alma. Por isso S. Lucas lhe chamou pão cotidiano com o nome comum, e S. Mateus, com vocábulo novo e próprio daquele mistério, pão supersubstancial: *Panem nostrum supersubstantialem da nobis*. Chama-lhe sobressubstancial e nosso, sendo que não cai nem diz bem o nome de nosso na mesma petição em que o pedimos. Mas por essa mesma razão é nosso, porque é sobressubstancial. É pão sobressubstancial porque os acidentes que vemos são de pão; mas a substância não é de pão, senão do corpo de Cristo, que é substância sobre toda a

substância. E porque esse pão é Cristo, por essa mesma razão é pão nosso porque o mesmo Cristo já era nosso antes que fosse pão. Foi pão depois do Sacramento, e já dantes era nosso desde o nascimento: *Parvulus natus est nobis, et filius datus est nobis*.

Mas este mesmo pão sobressubstancial e nosso que pedimos, por que razão o pôs Cristo na quarta petição, ou com que proporção e mistério lhe deu este lugar, quando parece que por todos os títulos lhe era devido o primeiro? Hugo Cardeal, nesta observação mais que nunca eminentíssimo, notou que entre as sete petições do Padre-nosso a quarta é a do meio, e diz com singular pensamento, que sinalou o Senhor este lugar àquele sagrado pão, para que, posto no meio como na raia e horizonte de dois hemisférios, os alumiasse a ambos, e confinando por este modo, assim com as petições que vão dirigidas ao céu e a Deus, como com as que pertencem a esta vida e a nós, em umas e outras nos confortasse igualmente com sua divina virtude: *Media petitio, scilicet paneni nostrum da nobis, est communis, ei quasi conflinium utrarum que confortans ei dirigens transeuntem de vila temporaii ad aeternam*. Nas três primeiras petições só tratamos do céu e de Deus, pedindo a santificação de seu nome, a dilatação de seu reino, a execução de sua vontade; nas três segundas, ou últimas, tratamos desta vida e de nós, pedindo que nos perdoe nossas dívidas, que nos não deixe cair em tentações, e que nos livre do pecado; e para tudo isto nos fortalece, posto em meio, o Diviníssimo Sacramento: *Hic panis datur de caelo, ei comeditur in terra*. Este pão – continua o mesmo autor – dá-se do céu, e come-se na terra. – Enquanto se dá do céu, eleva-nos a Deus; enquanto se come na terra, conforta-nos a nós: a Deus, para que sobretudo procuremos sua glória; a nós, para que contra tudo evitemos suas ofensas. E este é o único e duplicado fim por que pedimos o Santíssimo Sacramento no quarto lugar, e no meio de umas petições e das outras.

Vejamos com os olhos a admirável proporção de ser este lugar entre sete o quarto. Criou Deus o sol, e não o pôs no primeiro, nem no segundo ou terceiro, senão no quarto céu. Pois, o sol, rei dos planetas, pai e fonte de toda a luz, no quarto lugar? Sim, diz excelentemente Filo, como quem trouxe a filosofia no nome: *Cum planetarum quis que plus splendoris habeant lucidissimos ad terram usque mittunt radios, sed praecipue sol eorum medius. Nec male conjicere mihi videntur, qui soli medium locum tribuunt, ires supra eum, totidem infra locando*: Os planetas, como todos sabem são sete; e por isso – diz Filo – pôs o autor da natureza o sol no quarto lugar e no quarto céu, para que, ficando-lhe três planetas acima, e três abaixo, e ele no meio, dali os alumiasse melhor a todos, e lhes comunicasse igualmente os efeitos e influências da sua luz. – Nem mais nem menos Cristo nas sete petições do Padre-nosso. Pôs no quarto lugar, e no meio delas, a petição do Santíssimo Sacramento: *Panem nostrum supersubstantialem da nobis* – para que dali alumiasse igualmente a todas e lhes influísse a virtude de sua luz, e tanto às três de cima, como às três de baixo:

*Tres supra eum, ei totidem infra.* As três petições de cima são as primeiras que sobem a Deus: *Sanctificetur nomen tuum; adveniat regnum tuum; fiat voluntas tua;* as três de baixo são as últimas que descem a nós: *Dimitte nobis debita nostra ne nos inducas in tentationem; libera nos a malo,* e assim como para as primeiras nos eleva como pão sobressubstancial, assim para as últimas nos conforta como pão nosso. Ainda tem mais semelhança com o sol no quarto céu. Porque do mesmo modo que o sol alumia uns e outros planetas, não só de dia, senão de noite, nem só quando está descoberto a nós, senão quando eclipsado e coberto de nuvens, assim Cristo, no Divino Sacramento eclipsado e encoberto debaixo da nuvem dos acidentes, e na noite deste mundo e escuridade da fé, tanto nos fortalece os afetos no que pedimos a Deus para Deus, como nos comunica e estabelece os efeitos no que pedimos a Deus para nós.

Esta foi a primeira imagem deste mistério que Deus pintou no céu, que é o seu se templo, e esta foi também a segunda, que colocou no desenho da sua Igreja, que é o nosso. No Templo de Salomão, e, antes dele, no Tabernáculo de Moisés, mandou fabricar Deus aquele famoso candelabro, que defronte dos Pães da Proposição alumia o *Sancta Sanctorum*. A matéria era de ouro puríssimo, a forma como de uma árvore artificial, de cujo tronco, em igual proporção, saíam de uma e outra parte, três ramos meio arqueados, no remate dos quais, como também no do tronco, que era direito, ardiavam sete lumes. Este candelabro, pois, diz S. Próspero que significava o Santíssimo Sacramento, e o mesmo sentido e argumento seguiu e entendeu modernamente, com suma erudito Teófilo Rainaldo. Nota, porém, este diligentíssimo autor que, sendo miudíssima a Escritura em descrever todo o artifício e partes do candelabro, e ainda os instrumentos exteriores que a ele pertenciam, só da base não faz menção, *Praeteriit Scriptura basim candelabri, ita ut, tametsi adeo sollicite reiiquas candelabri partes quasi dissimilares expresserit, basis tamen nus quam meminerit.* – Pois, se esta famosa obra da arquitetura divina, traçada e mandada lavar pelo mesmo Deus, se descreve parte por parte tão exata e acuradamente, da base por que se não faz menção, sendo muitos os lugares da Historia Sagrada, e não menos de vinte, os que falam neste candelabro? Tornielo, Saliano, Cornélio, e os demais supõem que o candelabro tinha base, cansando-se muito em adivinhar a figura de que era formada. E eu não posso deixar de estranhar, e ainda de me doer, de que Teófilo faça o mesmo, privando-se de uma grande prova, e da mais elegante confirmação do seu argumento.

Digo, pois, que a Escritura não faz menção da base do candelabro porque o candelabro não tinha base; e digo que a não tinha, assim como Melquisedeque não teve pai nem mãe. De Melquisedeque diz S. Paulo, que não teve pai nem mãe, não porque os não tivesse, mas porque a Escritura não faz menção deles (Hebr. 7,3). E por que não faz a Escritura menção do pai e mãe de Melquisedeque? Por que Melquisedeque era figura de Cristo, o qual no céu não

tem mãe, e na terra não tem pai. Da mesma maneira no nosso caso. O candelabro tinha base, mas não faz menção dela a Escritura, como se a não tivera. Por quê? Porque o candelabro era figura do Sacramento. E como no Sacramento, estarem os acidentes sem sujeito é a mesma maravilha que sustentar-se o candelabro sem base, por isso cala a Escritura e não faz menção da base do candelabro, como se a não tivera, para que a figura se parecesse com o figurado.

Provada, pois, esta excelente figura, e a grande semelhança daquele soberano mistério do altar com o candelabro do Templo, quem não vê nos sete lumes dele o que o divino Sacramento obra nas sete petições do Padre-nosso? Assim como no candelabro os três lumes de uma parte e os três lumes da outra todos saíam do mesmo tronco onde estava o lume do meio, assim as três primeiras petições do Padre-nosso, para serem aceitas a Deus, e as três últimas, para que sejam proveitosas a nós, toda a sua luz e calor, todo o seu valor e eficácia recebem do pão sobressubstancial que pedimos no meio delas. As primeiras, em que pedimos para Deus, nascem daquele sacrossanto mistério, enquanto sacrifício, cujo fim é o culto divino; e as últimas, em que pedimos para nós, nascem do mesmo mistério, enquanto sacramento, cujo fim é o nosso remédio.

E para que não faltasse à mesma figura a mais particular e não imaginada propriedade, assim o tronco como os ramos do candelabro, em que se sustentavam os lumes, qual vos parece que seria o lavor de que estavam ornados? Era um lavor torneado em contas e esculpido em rosas – *Sphaerulae per singulos, ei lilia*. Em lugar de *lilia*, Vilhalpando e Lipornano leem *rosas*, e em lugar de *sphaerulae* vertem outros, com maior expressão, *globuii*, que é o próprio nome das contas por onde rezamos. Para que na mesma figura do candelabro nem as contas nem as rosas faltassem à primeira e principal oração do Rosário, como nem o número misterioso de suas petições à proporção e consonância altíssima de suas vozes: *Extoilens vocem*.

## CAPÍTULO 10

Resta a terceira e última parte do nosso discurso, a que sinto muito chegar tão tarde; mas a minha brevidade e a vossa devoção farão tolerável este defeito. Prometi provar neste último ponto quão alta e altíssima é a oração vocal do Rosário pela alteza da intercessão de que nos valem: e esta valia e intercessão é a da Virgem Santíssima, Senhora nossa, cujo poderosíssimo patrocínio tantas vezes imploramos quantas são as Ave-Marias do Rosário, repetindo no mesmo dia cento e cinquenta vezes: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus*. O tribunal, diante do qual intercede a Rainha dos Anjos, é o supremo consistório da mesma majestade divina a quem presentamos nossas petições e a quem, na primeira palavra do Rosário, invocamos com o nome de

Pai, como próprio da piedade e misericórdia, em que, como pecadores, temos posta toda a confiança. Os títulos, finalmente, em que se funda a eficácia da intercessão que pedimos, como se vê da mesma súplica, são três: Santa Maria Mãe de Deus, roga por nós: que rogue por nós como santa, que rogue por nós como Maria, que rogue por nós como Mãe de Deus. Todos estes títulos declarou o Anjo na sua embaixada, com a mesma distinção e pela mesma ordem: primeiro o de Santa: *Gratia plena*; depois o de Maria: *Ne timeas Maria*; ultimamente o de Mãe de Deus: *Panes Filium ei Filius Altissimi vocabitur*. E nas mesmas três palavras, se bem notardes, se inclui inteiramente toda a oração da Ave-Maria, resumida cada cláusula a uma só palavra, porque ao *Ave Maria* responde Maria, ao *gratia plena* responde Santa, e ao *benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui*, responde Mãe de Deus.

Com razão dizemos, logo, que a oração vocal do Rosário, também por esta intercessão, de que nos valem, é alta e altíssima: *Extollens vocem* – por que, sendo altíssimo na Senhora o título de Santa, altíssimo ode Maria, e altíssimo ode Mãe de Deus, todos juntos, e uns sobre os outros, que altura farão? Agora tomara eu tempo para os combinar e comparar entre si, e excitar sobre eles outras tantas questões: Se é mais forte para interceder o título de santa, ou o de Maria? Se é mais suave para obrigar o nome de Maria, ou ode Mãe de Deus? Se é mais poderoso para conseguir, o respeito de Mãe de Deus ou ode santa? Mas seja resolução o que pudera ser disputa, E digo que cada título, em seu gênero, compreende em grau altíssimo as perfeições de todos. Ode santa, porque a santidade de Maria, depois da santidade de Deus, é a maior santidade; ode Maria, porque o nome de Maria, depois do nome de Deus, é o maior nome; ode Mãe de Deus, porque a dignidade de Maria, depois da dignidade de Deus, é a maior dignidade. Intercedendo, pois, por nós, posto que pecadores, a maior santidade, o maior nome e a maior dignidade, como poderá resistir a divina justiça, nem negar-se sua misericórdia a uma tão forte, tão suave e tão poderosa intercessão?

A intercessão, como o significa o mesmo nome, é um meio entre dois extremos, e, para ser poderosa e eficaz, há de tocar a ambos: àquele com quem intercede, que neste caso é Deus, e àqueles por quem intercede, que são os pecadores. E a Senhora, posta entre Deus e os pecadores, quão chegada é a um e outro extremo? É tão chegada a Deus, com quem intercede, que só lhe falta o ser Deus; e tão chegada aos pecadores, por quem intercede, que só lhe falta o pecado. S. Mateus, tecendo a genealogia da Virgem Maria, fê-lo com tal artifício, que pôs a Senhora entre Deus e os pecadores, fazendo-a filha de pecadores e Mãe de Deus, como verdadeiramente é. É filha de pecadores por natureza, e Mãe de Deus por graça; mas por tal modo de graça, que a mesma natureza que recebeu dos pecadores, para ser sua filha, foi a segunda natureza que deu a Deus, para ser sua Mãe. E sendo intercessora e medianeira entre Deus, de quem é Mãe e, entre os pecadores, de quem é filha, vede que graça se

poderá negar a uma intercessão tão estreita por natureza? Essa foi a ventura de um ladrão, e a desgraça do outro no Calvário. Cristo estava no meio de ambos; mas em meio da cruz de Cristo e da cruz do bom ladrão estava a Senhora; em meio da mesma cruz de Cristo e da cruz do mau ladrão, não estava. E onde entre o pecador e Deus mediou a Mãe de Deus, salvou-se o pecador; onde não mediou, não se salvou. E esta é a força da mediação de que nos valemos, esta a intercessão altíssima que pedimos quando dizemos: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus.*

Não posso, porém, deixar de reparar muito que neste caso invoquemos a intercessão e patrocínio da Senhora com nome de Mãe de Deus, e não de Mãe nossa. Assim como já atamos o fim do Padre-nosso com o princípio da Ave-Maria, atemos gora o fim da Ave-Maria com o princípio do Padre-nosso. Se, quando invocamos a Deus, dizemos *Pater noster*, quando invocamos a Senhora, por que não dizemos também *Mater nostra, senão Mater Dei?* Temos ousadia, como dissemos, para chamar a nosso Pai, e não temos confiança para chamar à Senhora nossa Mãe? Sim, temos. Não é falta de confiança: é fineza de saber alegar e pedir. Muito mais adiantamos e encarecemos a intercessão que pedimos invocando a Senhora como Mãe de Deus que como Mãe nossa. Porque se intercedera por nós como Mãe nossa, empenham-se por nós como por filhos seus; mas, intercedendo por nós como Mãe de Deus, empenhasse por nós como por filhos de seu Filho, que é muito mais. Quando nós dizemos *Pater noster*, quem é nosso Pai, e de quem somos filhos? Somos filhos do mesmo Deus, de quem a Senhora é Mãe; logo, muito maior empenho é o do seu amor intercedendo por nós, enquanto filhos de seu Filho, que enquanto filhos seus.

Quando Jacó lançou a bênção atados seus filhos, aplicou a bênção de cada um à pessoa do mesmo filho: a de Rúben à pessoa de Rúben, a de Simeão à pessoa de Simeão, a de Levi à pessoa de Levi, e assim nos demais; mais quando chegou a José, não lhe aplicou a bênção a ele, senão aos filhos do mesmo José, Manassés e Efraim. Pois, se aos outros os abençoou em si mesmos, em José por que mudou de estilo, e em vez de lhe aplicar e dar a bênção a ele, a dá e aplica a seus filhos? Porque a José amava mais que a todos os outros; e maior empenho e demonstração foi do seu amor o dar a bênção a Manassés e Efraim, que eram filhos de seu filho, do que se a dera ao mesmo José, que era filho seu. Dando a bênção a José satisfazia só ao seu amor; mas dando-a aos filhos de José satisfazia ao seu amor e mais ao amor do mesmo José porque não só mostrava amar muito ao filho, senão aos filhos do filho. No nosso caso ainda é maior a razão, e infinitamente maior. A Senhora, ainda que como Mãe nossa nos ama muito, como Mãe de Deus ama infinitamente muito mais a Deus: logo, muito mais segura fica a sua intercessão, e muito mais poderosa e eficaz intercedendo por nós como filhos de seu Filho que como filhos seus, porque não só intercede por nós com o grande amor com que nos ama a nós, senão com todo o amor com que ama a Deus.



Sendo isto verdadeiramente assim, e da parte da mesma Mãe de Deus e Mãe nossa, com maior certeza e afeto do que se pode encarecer nem imaginar, o que só resta é que todos nos valhamos do altíssimo e poderosíssimo patrocínio de tão soberana intercessora, com aquela confiança que nos assegura a grandeza de sua piedade, e com aquela eficácia e instância que requer a grandeza da nossa pretensão. O que em suma pretendemos, em tantas e tão várias petições, é o reino do céu: *Adveniat regnum tuum*. De conseguir ou não conseguir esta pretensão não é menos o que depende que a felicidade ou infelicidade eterna. Vede se é grande a importância, e qual deve ser o nosso cuidado. E posto que o supremo Senhor, diante de quem requeremos, seja Pai, e invocado como Pai: *Pater noster, qui es in coelis* – se nos faltar a intercessão da Mãe muito podemos temer que nos não valha, nem baste o nome de filhos. Dois filhos tinha Davi, pretendores ambos ao mesmo reino, Adonias e Salomão; e qual levou a coroa? Adonias, que tinha de sua parte a prerrogativa de primogênito, perdeu-a e Salomão foi o herdeiro do reino, não com outra razão de preferência mais que a intercessão de sua mãe: *Egredimini, filiae Sion, ei videte regem Salomonem in diademate quo coronavit eum mater sua*. Assim o deixou escrito, para eterna memória do caso, o mesmo Salomão: – Saí, filhas de Jerusalém, e vede a el-rei Salomão triunfante com a coroa com que o coroou sua mãe. – Leia-se a história dos Reis de Israel, e achar-se-á que o mesmo Davi, pai de Salomão, foi o que o nomeou por rei e o mandou coroar. Pois, se consta da Escritura que o pai coroou a Salomão, como diz o mesmo Salomão que o coroou a mãe? Porque, se não fora a intercessão da mãe, não havia ele de herdar o reino. E entendeu Salomão, como tão sábio, que devia a coroa à intercessão da mãe, que à graça e nomeação do pai. E que foi tudo isto senão uma representação, no teatro da terra, do que passa e nos há de acontecer no reino do céu? É verdade, como crê e confessa a nossa fé, que o reino do céu, que pedimos, não se alcança senão por graça de Deus, que é o Pai; mas quer o mesmo Deus que entendamos que só por intercessão de sua Mãe se alcança essa graça nessa vida e a coroa da glória na outra.

Projeto Livro Livre



Texto e Voz

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)